

Pemedebistas estão divididos sobre sucessão no Senado *1 NOV 2002

De Brasília

A disputa pela presidência do Senado deve reproduzir uma situação que já se tornou comum dentro do PMDB nos últimos anos. Fragmentado, o partido já vive o clima da disputa interna entre as correntes. O grupo governista, ligado ao presidente Fernando Henrique Cardoso, gostaria de eleger o líder do partido no Senado, Renan Calheiros (AL), ou reeleger o atual presidente da Casa, Ramez Tebet (MS). Do lado oposto está o grupo que se alinhou na campanha presidencial em torno da candidatura petista de Luiz Inácio Lula da Silva. Com um discurso suprapartidário e baseado no prestígio pessoal, o senador José Sarney (PMDB-AP) lançou-se candidato desse grupo e já está avançadíssimo na sua campanha.

Por ter reais possibilidades de agregar votos dentro do PMDB, PFL e partidos de oposição, Sarney aparece, no momento, como favorito nessa disputa. Sua presença na presidência de uma das duas Casas do Congresso ajudaria o PT a dividir as pesadas responsabilidades que Lula terá para comandar o país. Com Sarney operando dentro do Poder Legislativo, o governo Lula ganharia em apoios ao centro e teria maior segurança para aprovar os projetos de seu interesse.

A questão é que integrantes do grupo governista do PMDB aviam que Sarney não representa politicamente esse segmento do partido, como já não representava no ano passado quando o senador agora novamente eleito, Antonio Carlos Magalhães, indicou-o como candidato à sua sucessão na presidência à revelia do PMDB e contra o candidato do partido. À época, o ex-presidente alegava que só seria candidato se houvesse consenso

em torno do seu nome. Como não houve, afastou-se. Agora, novamente apoiado por ACM, ele está fazendo campanha sem firmar compromisso com o consenso.

"Sarney está fazendo campanha para ele e não para o PMDB. Ele quer voltar a se fortalecer novamente e tornar-se uma espécie de quarto Poder, uma espécie de Poder Moderador dentro do governo Lula", critica um integrante da ala governista.

O tom de disputa interno dentro do PMDB já foi dado na quarta-feira por Renan Calheiros. Ele admitiu que o partido pode apoiar politicamente o governo Lula dentro do Congresso, mas, estabeleceu como pré-condição que as negociações em torno da Presidência do Senado sejam feitas pelos comandos de PT e PMDB em discussões institucionais. Renan está se referindo às negociações conduzidas por Lula diretamente com Sarney. "Qualquer negociação sobre a Presidência do Senado que passe por cima dos partidos como instituição afetará a governabilidade", alertou o senador.

Depois do trauma provocado pelo duríssimo choque político entre os então senadores Jader Barbalho (PMDB-PA) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), o Senado sonha com uma transição pacífica no seu comando. A disputa certamente não terá a troca de acusações que marcou a briga entre Jader e ACM, mas poderá acentuar ainda mais o fracionamento do PMDB.

Com a ala governista derrotada na disputa presidencial, o PMDB vê crescer internamente o grupo minoritário do partido que não se alinhou com o Palácio do Planalto. Essa luta por espaços internos se reflete também na eleição para a Presidência do Senado, opondo as duas principais correntes internas do PMDB. (MdM)